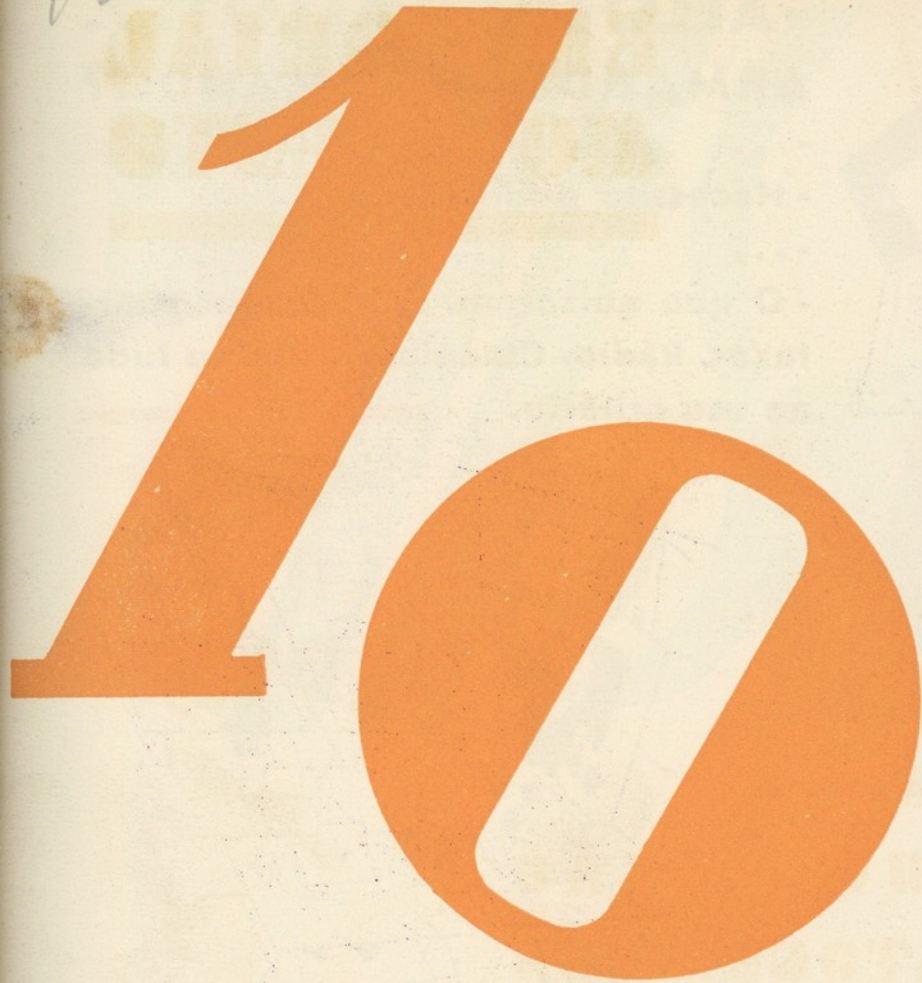


136

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO



Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$5



**-ALLÔ!... ALLÔ!...
ARMANDO & ARMANDO?**

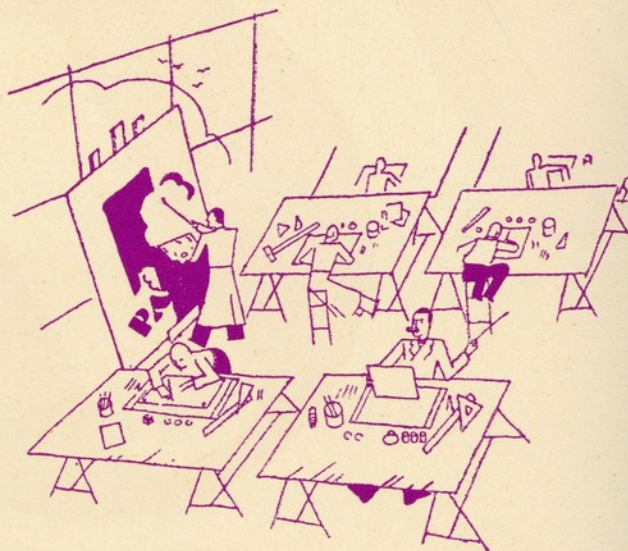
-...

- Necessito publicidade.

-...

- O que quizerem. Publicações, Cartazes, Rádio, Cinemas... Deixo tudo ao seu critério.

A PUBLICIDADE FEZ-SE, O PRODUCTO LANÇOU-SE, O CLIENTE DEU POR BEM EMPREGADO O SEU DINHEIRO.

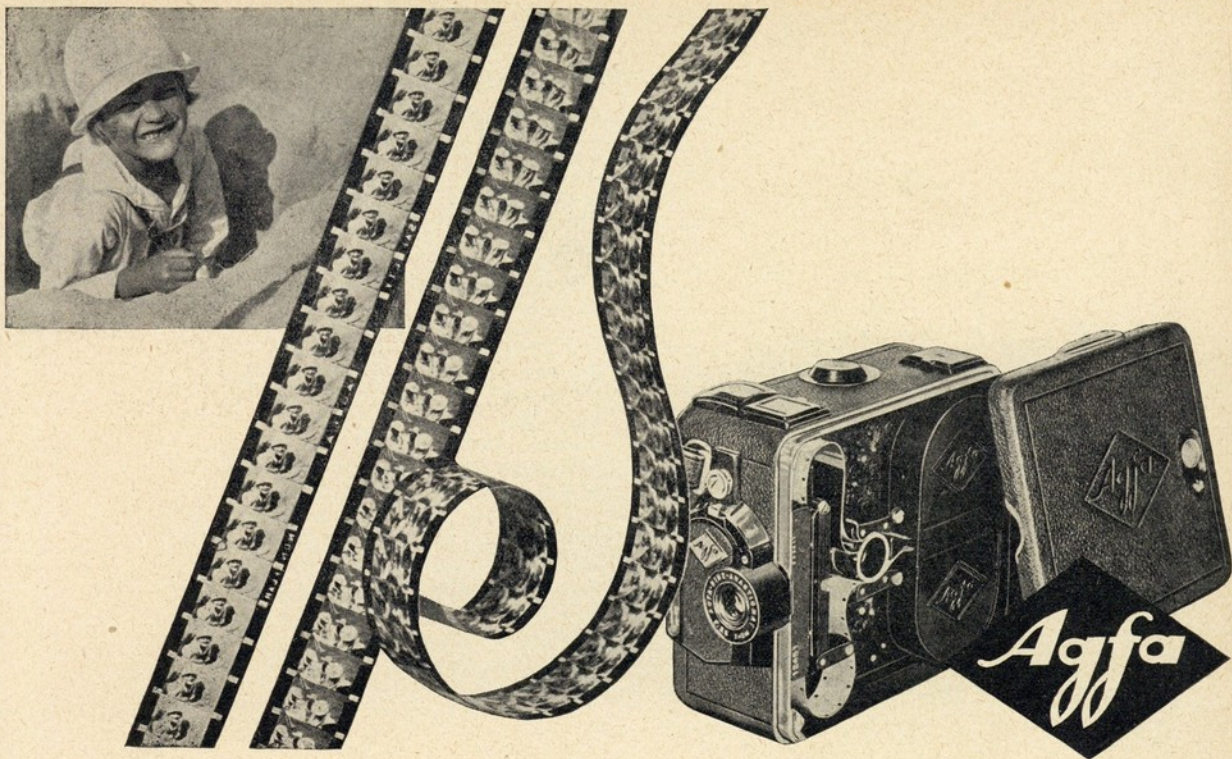


**Para qualquer
publicidade**

consultem

Armando & Armando

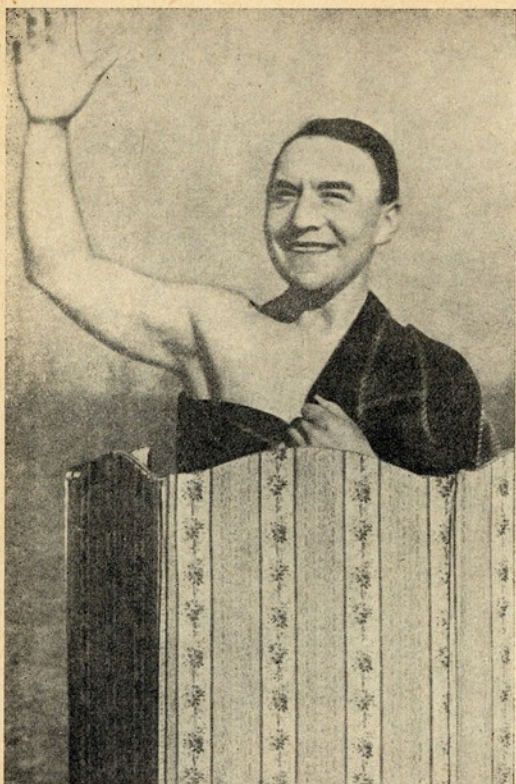
**RUA ELISIO DE MELO, 28
Sala 4 — PORTO**



Porque se limita a fotografar e não filma?

**A AGFA - MOVEX
permite-lho com**

**ECONOMIA
FACILIDADE
E PRAZER**



Exclusivos da Sonoro-Film

Distribuidos pela

Companhia Cinematográfica de Portugal

O Rei do nudismo

com

George Milton

No decorrer de um jantar dado na sua vila de Cannes, Gustavo Adam, riquíssimo conserveiro é feito Cavaleiro da Legião de Honra. Os amigos felicitam-no irónicamente, dando a perceber que a distinção conferida não vem recompensar os seus méritos de homem, mas sim adular o seu poderio de riqueza.

Gustavo Adam não concorda. E exige que o deixem num descampado, absolutamente nú, afim de recomeçar a sua vida, provando que é capaz de subir pelo seu próprio esforço e sem o auxílio de ninguém. O papel de Gustavo Adam é representado por Georges Milton, chamado, com razão, O REI DO RISO... E o resto calcula-se.



Um homem de Coração

com

Gustavo Fröhlich

e

Maria Stavert

A filha do Presidente de um grande banco, (fingindo-se dactilógrafa) é recebida por um empregado do banco (fingindo-se director) e consegue colocar-se. O verdadeiro director intervem e, julgando tratar-se de uma dactilógrafa vulgar pretende conquistá-la.

O empregado sabe disto. Por outro lado, sabe também que a sua amada telefona todos os dias com ternura para o Presidente. Ciúmes duplos e... tudo acaba em bem.



Os outros e nós

OS OUTROS

O cinema eis a grande vítima dos amadores!

NÓS

Porquê?...

Não esqueçamos ser o cinema, acima de tudo, uma arte. Ora, em arte, apenas a absoluta independência pode conduzir à perfeição.

Enquanto o amador *cria* por *necessidade espontânea*, o profissional limita-se a *produzir por obrigação*. Mas o que interessa não é ser amador ou profissional. O que interessa é ter ou não ter talento.

E ninguém nos convence que o talento seja função de um ordenado.

OS OUTROS

Repetimos: somos, em princípio, contra a importação de cineastas estrangeiros!

NÓS

Nós também, mas apenas em princípio.

E a verdade é que a origem de um produto não depende da nacionalidade dos técnicos que o fabricam, mas sim do país onde esse fabrico tem lugar.

De resto o que nos interessa não é que o realizador, o fotógrafo ou o aderecista sejam portugueses, mas sim que o seja o filme.

Isto é: que apresente um conflito português, proposto, desenrolado e vivido à «maneira» portuguesa. E, num país como o nosso, em que o cinema começa, a colaboração dum Chakatouny, dum Barreyre, dum Gärtner só pode ser útil.

OS OUTROS

Nada disso! Somos contra a importação de cineastas estrangeiros, *porque estamos dentro das realidades* e conhecemos bem a psicologia dos portugueses.

NÓS

Para se estar dentro das realidades, ou conhecer bem a psicologia dum povo, não basta afirmá-lo, infelizmente.

OS OUTROS

Para Portugal, em virtude da exigüidade dos nossos mercados e dos orçamentos forçosamente mesquinhos das películas — só podem vir realizadores de baixa categoria. Os autênticos mestres... custam quasi tanto como um filme português! E a sua vinda para Portugal seria absolutamente inútil.

De facto, o que aprenderíamos com um Pabst ou com outro qualquer? Nada. Olhá-lo-íamos com muito respeito... Mas os portugueses continuariam na mesma. Porque o que é preciso é FAZER!

NÓS

Concordamos com essa história do preço. Mas à parte interesses pessoais, e entre nós que ninguém nos ouve: vocês estão mesmo convencidos de que se o Pabst viesse fazer um filme a Portugal, ninguém lucrava nada?

OS OUTROS

Sim. Na América existe um Mamoulian, um Lubitsch, etc. Realizadores estrangeiros. Mas, de nenhuma maneira, se pode comparar o caso português com o caso americano. Além disso, os cineastas não vão para a América *ensinar a fazer cinema*.

Das duas uma: *ou começaram lá ou foram para lá aprender!*

NÓS

Ora essa! Então o Pabst, que foi para a América, o René Clair e o Fritz Lang que tencionam ir, vão aprender? E o Jacques Feyder que tam bom cinema fez na Europa e na América não fez senão tolices? Bonitas lições lhe deram... E o Dupont? E o Murnau? E todos os outros europeus que os americanos chamaram, justamente porque valia a pena?...

Vocês sabem perfeitamente que isto é assim. O que é, não lhes convém...

OS OUTROS

Está actualmente, em Portugal, um cineasta estrangeiro! Para quê?

Reparem que até a própria empresa que o contratou não o anuncia nos seus réclamos diários. Substitui-o por um português!

NÓS

Ora aqui está onde vocês queriam chegar!... Mas isto não nos interessa...

OS OUTROS

Demais, o que nos interessa não são as *peçoas* dos mestres. São as suas obras. Os seus filmes que todos os dias se projectam nos écrans portugueses!

NÓS

Justamente! O que nos interessa, são as obras e não as pessoas. Por isso mesmo nos referimos apenas à nacionalidade das obras e não das pessoas.

OS OUTROS

A Rússia, quando criou o seu cinema, fechou ainda mais as fronteiras. Mas — pobres dos russos! — são muito nacionalistas!

NÓS

Pois é. Mas os russos foram levados por uma fé e um ideal que os nossos nacionalistas não possuem. Enquanto na Rússia se constrói, em Portugal afirma-se: «Isto vai por Deus!...» Aqui está porque razão compreendemos e admiramos o nacionalismo consciente dos russos e nos causa riso o nacionalismo ócio e interesseiro de *certos* portugueses.

OS OUTROS

Podíamos continuar... Mas não vale a pena!

NÓS

Ora até que enfim estamos de acôrdo!!!

Apologia do cinema que se vê e ouve

Publicou o meu velho amigo Santana Dionísio, no número 7 do «Movimento», um artigo que por certo surpreendeu muita gente. Pois ainda há quem prefira o cinema silencioso ao sonoro?! A mim, porém, nada me surpreendeu, porque era do Santana. E o Santana amou sempre remar contra a corrente, não por fácil culto do paradoxo, mas porque ir de encontro às crenças do maior número distingue os homens que pensam por si próprios dos que se limitam a aceitar convenções. Contudo — e é essa a justificação desta *Apologia* — está muito enganado o Santana Dionísio ao aceitar como base da discussão a simples antinomia sonoro-silencioso. Com efeito, julgo fácil converter o Santana ao cinema sonoro, e por uma razão muito simples: é que ele usa a palavra *sonoro* quando devia usar a palavra *falado*. É que os defeitos apontados ao cinema sonoro no referido artigo são unicamente os do cinema falado, ainda que o Santana generalize, e afirme, por exemplo: «...o cinema sonoro não é outra coisa senão uma desobediência a este princípio da voluntária limitação de qualquer Arte, querendo dar simultaneamente duas qualidades, isto é, um mundo com duas dimensões estéticas: a luz e o som».

Ora, esquecem-se aqui duas coisas de magna importância: a primeira é que no cinema silencioso nós víamos as portas fechar, os comboios correr, os automóveis businar... e não ouviamos som; víamos as bocas articular sons... e não os ouviamos. Em segundo lugar, e correlativamente, aquilo que diziam as vozes e nós não ouviamos era suprimido pela multiplicação das legendas de diálogos e explicações (é certo que também as temos agora, mas não por deficiência do próprio cinema; unicamente porque a humanidade não fala uma língua única). Vemos portanto que o advento do som no cinema, pelo que respeita ao som que *naturalmente* acompanharia as imagens, não representa a tentativa de fusão de dois domínios diferentes, não representa uma tentativa de fusão das artes, como sonhou e tentou o passado século (lembramos as sinfonias luminosas, ingénua tentativa de Scriabine, aliás compositor admirável), mas unicamente uma melhor adaptação do cinema ao que nele estava implícito. E que, na verdade, o Santana Dionísio esquece que o caso do cinema não pode ser comparado com nenhum outro. O cinema (salvo casos especiais de que falaremos) tem por base a *reprodução* da própria vida. É, sob um certo ponto de vista, infelizmente mais realista que outra qualquer arte. Isto é: os *materiais* de que se serve são a própria realidade com que contactamos todos os dias, e não, como na música, na poesia, no romance, na escultura, etc., materiais que poderemos dizer *interiores*. As imagens e os sons são captados pela objectiva e pelo microfone, ao passo que nas outras artes os materiais não são captados, pois na sua forma mais elementar já são obra predominantemente humana.

Bem sei que os detractores do cinema se servem precisamente desta distinção para afirmar a sua inferioridade em relação às outras artes. Mas se o fazem é porque esquecem que esses *materiais* são o diamante em bruto, e que a arte está em saber tirar-lhe a ganga que o envolve. Já que o cinema é uma arte com bases novas, não devemos olhá-lo com desprêzo. Quem o fizer mostra apenas a impossibilidade de se integrar em condições inéditas, o que é sinal de debilidade de espírito.

Assim pois, o som acrescentando-se à imagem, não tornou o cinema menos cinema, não lhe trouxe hibridismo de espécie alguma. Também a pintura não conheceu a profundidade senão numa época relativamente muito recente; diremos contudo que essa conquista a diminuiu?

Há sem dúvida um hibridismo motivado pelo cinema sonoro, e esse é o que nos aparece no cinema falado, tal como tem sido usado, e tem-no sido como mera transposição do teatro. Ainda há pouco, escrevia René Clair: «*Si, par une bizarrerie du destin, le cinéma avait été inventé avant que fussent conçues les premières formes d'expression théâtrale, il est certain que les auteurs d'un film n'auraient pas pensé à résumer en scènes dialoguées les phases les plus importantes du sujet de ce film. L'existence de ces scènes, contraires à la nature du cinéma, est due à l'intrusion des habitudes théâtrales dans un moyen d'expression qui méritait de connaître une vie indépendante. Le roman, qui a la chance d'obéir à ses propres lois, n'use du dialogue qu'avec mesure et fait alterner son usage avec celui des différentes formes de narration. On admettrait mal qu'un roman ne fût qu'une suite de dialogues; peut-on admettre qu'un film ne soit que cela et que l'image n'y joue pas d'autre rôle que celui qui dans un livre, est dévolu aux illustrations?*»

Eis o problema claramente pôsto. Pergunta-se: ¿podemos acusar, globalmente, o cinema sonoro por vícios esporádicos? É lícito torná-lo responsável pelos maus caminhos para os quais tem sido desviado por aqueles que não sabem — ou não querem — usar as suas possibilidades originais? ¿por aqueles que fazem do cinema apenas uma indústria? Então, culpemos a poesia por causa dos maus poetas, a música pelos maus compositores!

Mas resta outra face do problema: é que o som não aparece, forçosamente, como som natural. O papel do som no cinema — ainda que, neste sentido, quase inexplorado até agora — pode não ser dependente da imagem. O som e a imagem poderão ser como duas linhas melódicas simultâneas, mas diversas. Exactamente o que é em música o contraponto (exactamente não, mas seria demasiado longo explicar porquê).

Diz o Santana Dionísio: «*O grande valor do cinema silencioso está na sua secreta e inextinguível potência musical*». Eu direi: Meu caro Santana, quer-me parecer que não viu a *Romanza Sentimental*; que ignora os desenhos animados sonoros; que não imaginou ainda o imenso campo aberto à criação cinematográfica pela aliança da imagem com o som. Diz você do cinema silencioso: «*...não vimos ainda talvez o significado e o valor profundo desta arte cheia de mistério...*» Mas então você julga que o som veio tornar impossível o mistério? É caso para pensar que você confunde som com barulho; que não pensou no valor do ruído duns passos que se aproximam ou afastam; duma luta que se ouve no quarto pegado; no matraquear e nos silvos dum comboio através da noite... Para quê citar mais casos? Pois não ha uma infinidade deles? E, note bem, de casos em que o som não acompanha a imagem, mas em que nos dá *outra coisa* que a imagem que estamos contemplando. Não, meu caro Santana: diga, e serei o primeiro a apoiá-lo, que o cinema falado actual é uma vil imitação do teatro, que o abuso do diálogo o inferioriza. Dizendo-o, só fará o elogio do sonoro, como dizendo mal duma pedra grosseiramente talhada indirectamente elogiamos uma escultura de Miguel Angelo.

Eseremos pois os Miguel Angelo do cinema sonoro — porque hão de aparecer!

adolfo casais monteiro



Violetas — — Imperiais

Eis aqui um filme digno de ser visto e de ser aplaudido.

«Violetas Imperiais», vai marcar com certeza um grande sucesso. Pertence àquele género de filmes que são um bordado em renda magnífica tecida com mimo e sentimento.

Henry Roussel evocou nesta película a inesquecível época das sumptuosas festas de corte, aquela época das intrigas misteriosas e dos galanteios sedutores.

O segundo império, é hoje uma fonte inexgotável para o cinema. Mas será preciso talento, muito talento para conseguir traduzi-lo em imagens com verdade e beleza.

O silêncio e o véu que após o desastre de 1870 caíra sobre Napoleão III, a imperatriz Eugénia e os nobres, presentemente, vai-se desfazendo como fumo.

Conhecidas melhor as causas e ponderados melhor os motivos, a justiça dos homens viu que se muitos êrros foram cometidos, também muitos méritos e muitas qualidades teve aquêle tempo, próspero, alegre, amigo do luxo e da elegância, onde a sociedade francesa firmou com galhardia os seus pergaminhos.

Foi esta nuance histórica que Henry Roussel focou em «Violetas Imperiais» e por isso não se lhe poderá negar, nem regatear aplauso. O maior mérito do filme consiste, precisamente, em reviver num surpreendente realismo e com detalhes curiosísimos, aqueles anos do Paris ansioso de progresso, do Paris que recebia todos os soberanos do mundo de sorriso nos lábios; «Violetas Imperiais» mostra-nos ainda como a Imperatriz, cercada pelas mulheres mais belas da França, oferecia nas Tulherias êsses bailes grandiosos, essas festas de carnaval inolvidáveis e êsses banquetes que a Europa inteira, desde as mais recônditas e longinhas províncias, evocava ao som arrebatador das músicas de Strauss e Offenbach.



E por sôbre tudo isto há a notar a justeza psicológica das figuras: Eugénia de Montijo, Madame Berry-Fronsac, a Marechala de Mondovi, Napoleão III, o Duque de Morny, o Professor Fourras, — e essa Violeta, a florista pobre de Sevilha que chega.....

Mas o enredo para quê? Basta assinalar que «Violetas Imperiais» (e isto é o que deve prevalecer no espírito dos cinéfilos) marca uma autêntica renovação do filme histórico, pois apresenta as personagens vivendo, sentindo e amando, tal como elas viveram, sentiram e amaram.

«Violetas Imperiais» um exclusivo da Sonoro Filme, é, no nosso país, distribuído pela conceituada Companhia Cinematográfica de Portugal

Canção

Reportagem da recitação

— Allô! Allô! Daqui Pôsto Experimental S. L. U. I. Z.—X 1, Lisboa. Continuamos a nossa emissão de notícias sôbre a Recitação de gala de A CANÇÃO DE LISBOA, que...

— Allô! Allô! Peço a V. Ex.^{as} desculpem esta forçada interrupção. A multidão impede o trânsito no Chiado! O barulho ensurdecedor dos «klaxons» prejudica esta emissão. A força pública é impotente para abrir caminho aos carros que pretendem chegar às portas do S. Luis!

— Allô! Allô! Sua Excelência o Senhor Presidente da República acaba de tomar lugar no seu camarote. A sala deslumbra de sumptuosidade. Sôbre as toilettes, as fardas e as sóbrias casacas, as joias e as comendas cintilam...

(e o Erico Braga anuncia a minha entrada):

— Allô! Allô! Acaba de entrar o actor Vasco Santana!

O átrio vermelho, pleno de luz, assenta-me bem porque eu estou completamente verde. Está quasi certo, nesta noite em que se exhibe a CANÇÃO DE LISBOA, primeira grande produção nacional de um novo ciclo.

— Allô! Allô! Rapazes do MOVIMENTO! Vou fazer o possível por vos descrever o que toi o delírio desta grande noite de gala. E se deixarem de repente de ouvir a minha voz é que os nervos me comeram de todo. E terão de comer 97 quilos!...

— Allô! Allô! Abraço o Telmo que está tam nervoso como eu, mas não deixa nunca de sorrir. E valente, o Telmo! Adeus José! Rapazes do MOVIMENTO: o José Galhardo vem-me falar e eu beijo o José Galhardo!

O José Galhardo está nervoso. Isto neste momento, não parece um cinema — parece a sala de espera de um especialista de doenças dos nervos.

O Erico, no outro microfone vai anunciando a entrada na sala dos nomes mais conhecidos da nossa literatura, da nossa sociedade... Entram artistas conhecidos, um médico notável, um poderoso banqueiro. A sala está literal e literariamente cheia. Apesar disso entra gente, entra sempre gente!

São aos milhares as pessoas que ouvem na rua as palavras do Erico que ora anuncia a entrada de alguma notabilidade, ora comenta, ora brinca.

Eu, o José e o Telmo vamos para o microfone que serve a rua, cantar pela primeira vez a Canção de Lisboa. O povo escuta nos alto-falantes os contra-cantos esganiçados mas afinados do Telmo, os lindos versos do José, cantados por êle próprio e a minha voz de barítono de trazer por casa, trémula por causa daquêles supra-citados nervos que começam definitivamente a comer-me. Neste momento exhibe-se um documentário sôbre o Rio de Janeiro. Eu peso menos 8 quilos e estou de um verde carregado.

Erico lê um telegrama da Beatriz. A Beatriz e a sua franja geométrica choram telegráficamente a sua ausência.

Cristóvão Aires dá ao público algumas indicações sôbre o custo de A CANÇÃO DE LISBOA. «Cada metro de filme, que dura um segundo a passar, fica por quatrocentos escudos. E comenta: Vejam a coragem, o esforço e a iniciativa para ter pensado e realizado um filme desta natureza...»

Agora, na sala, a voz do José Galhardo, descendente ilustre de um homem ilustre, a quem, na sua casaca impecável de «gentleman», na sua fidalguia natural, no seu clarissimo talento, tanto e tam saudosamente faz lembrar, ergue-se pedindo uma atenção benevolente para a CANÇÃO DE LISBOA, filha estremecida de todos nós que vai ensaiar os seus primeiros passos...

Apaga-se a luz. Os primeiros compassos dessa música que nós todos tantas vezes

de Lisboa

de gala por Vasco Santana

cantamos e que, já agora, ficará como um hino para a TOBIS, encham a sala.

O «écran» é vermelho. Vejo nomes: o Telmo, eu, a Beatriz, o António Silva, o Alegrim, o Santos Carvalho, Sofia, Tereza, Ana Maria, Manuel de Oliveira... Estou de pé numa coxia. No escuro encontro alguém. Peço desculpa. Dão-ma. Era o Telmo.

O Jaime Silva, Filho, segura-me um braço. O Chianca espreita-nos da porta e desaparece. O Botelho sai do meio da plateia, junta-se ao grupo e diz: «eu não posso estar sentado. Antes quero estar aqui, neste mólhinho».

— Allô! Allô! Rapazes! O Terreiro do Paço. A alfaiataria. O António Silva compõe uma peça de fazenda. O público ri. Eu aumento 2 quilos.

Eu entro. Ou por outra: saio, porque no filme a minha entrada é a sair de casa. Gostei de me ver. Tive a impressão de ter outra vez 18 anos.

Começo a correr para a Faculdade de Medicina. Mudo de plano e côrro, côrro ainda, côrro sempre.

Uma ilustre senhora que estava na frisa ao lado, junto à coxia, diz-me, no seu princípio de entusiasmo, sem saber com quem fala:

— É curioso! Este Vasco, tam gordo e tam leve! Como corre! E que bem fica no filme!

— Eu também acho, minha Senhora — respondo eu.

E fico profundamente agradecido, cá por dentro, àquela gentilissima senhora...

Quando ela soube, mais tarde, com quem falara, comentou:

— Olha se eu estava a dizer mal!

— Allô! Allô! Cêna da «prova» na alfaiataria. O António Silva representa-a magnificamente e a Beatriz enche o «écran» com o seu brilhantismo incomparável. Uma salva de palmas.

O Telmo olha para mim. E apesar de estarmos no escuro eu adivinho que uma enorme alegria enche os seus olhos azuis.

Depois vem a minha cêna da janela. O público, com as suas gargalhadas, não deixa ouvir todo o diálogo delicioso de ironia que o Zé desarrincou.

— Allô! Allô! Rapazes! Eu estou infinitamente contente. Segue-se a Tereza e a Sofia que têm um «brouhaha» de admiração. O Manuel de Oliveira surge-nos, na sua beleza e num magnifico automóvel. O filme sobe. O filme sobe cada vez mais. Eu desço um degrau porque a gente é muita na coxia. Vem o arraial. O Quincas aparece-nos, estupendo de verdade. Depois o Alegrim, o Santos Carvalho que representa como gente crescida, a Ana Maria. E a marcha aux flambeaux fecha, brilhantemente a 1.^a Parte.

Tôda a «troupe» da Tobis, todos os companheiros de tantos trabalhos, estão radiantes.

Depois o Jardim Zoológico; o «retiro» e a minha bebedeira parecem-me tam bem que eu, apesar dos nervos, chego a sorrir:

E o público, felizmente, ria...

Vem o fado do estudante. Outra ovação. Os meus nervos desistem definitivamente de comer-me. O exame. O casamento. A Academia. O triunfo de A CANÇÃO DE LISBOA.

Uma apoteose ao Telmo, ao José Galhardo, ao Brito Aranha, ao Zé Gomes Ferreira que fez maravilhas na montagem, ao incansável e querido João Ramos, aos maestros, ao Jaime Silva, ao César de Sá, ao Altberg, ao meu amigo Chakatouny, ao Barreyre, ao Wolrabi, ao Chianca, que nós arrancamos quasi pela violência do seu «buraco de pensar», enfim... aos intérpretes e a todos os que ajudaram a sonhar este sonho que se realizou.



Contra-reclamo da mediocridade

Evidentemente, não podemos exigir que só nos sirvam filmes geniais. Não podemos sequer exigir que só nos sirvam filmes bons. Nem todos os livros que vemos, ou todas as músicas que ouvimos, ou todos os quadros que vemos — são excelentes. É preciso que a maioria das coisas seja mediocre, para que nos cause um prazer tão intenso e uma tão deliciosa gratidão a descoberta das cousas superiores. Podemos porém exigir — nós os que vamos ao cinema porque o cinema nos interessa — que nos não venham fazer o elogio da banalidade e a surriada do talento aqueles cujos interesses monetários ou psicológicos andam por demais ligados à mediocridade...

Ao meu caro leitor pouco importa que eu haja sido, ou não, dos que defenderam o silencioso contra o sonoro; mas fui desses. Sou hoje, porém, dos que pensam que o sonoro alargou extraordinariamente o campo do cinema. Sou dos que supõem que as possibilidades do cinema actual são tais e tantas, que ele ainda se não apercebeu delas! Sou dos que crêem que até as riquezas de sugestão do silêncio cabem já no cinema sonoro. Mas quer o amigo leitor saber porque o sonoro me não inspirou, a princípio, senão desconfiança e hostilidade? Porque os aclamadores do sonoro julgavam de boa tática não defender a sua novidade senão erguendo lóas ao que no sonoro era fraco, e galhofas ao que no silencioso era bom... E o que se deu comigo pode ter-se dado com outros: Por isso conto o que se deu comigo. Julgavam esses tristes servidores do sonoro que só era possível impô-lo criando um cinefilismo semelhante, pelo nada que exigia de sensibilidade artística, à paixão do foot-ball, ao filatelismo, ou ao gosto de namorar pequenas na avenida; negando o génio de Charlot, só porque Charlot se recusava a falar; proclamando maçadorias e *pastelões* algumas obras-primas do silencioso, só porque não despertavam o celeberrimo «riso alvar» das turbas (erro grave!) e ainda por cima exigiam miolos ou sensibilidade artística (opressiva exigência!); afectando um desprezo de *je m'en fichistas* pelo cinema arte, e um gosto de jovens desportivos (como se mocidade quisesse dizer mediocridade, e o desporto exigisse inconsciência!) pelo puro cinema diversão fácil; adulando com gentil desplante comédias, revistas e operetas da mais confrangedora banalidade, como se uma boa comédia ou opereta não fôsse cousa tão séria como um bom drama (êles detestavam o sério), e como se quem amasse a opereta ou a comédia implicitamente se contentasse com tudo; declarando que quem vai ao cinema é para se divertir, rapazes!, eh! rapazes!, para ver *girls* no *écran* ou na plateia, etc, etc... Pobres e fracos servidores do cinema sonoro! e pobre tática a sua! *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa...* Todos devíamos ter previsto imediatamente que breve apareceriam realizações e realizadores capazes de ridicularizar num segundo as teorias (?) desses tais. Compreendamo-los porém, a esses tais: As casas de espectáculos precisavam (e precisam) de público que as sustentasse; lisonjeavam por isso o gosto das galerias de qualquer preço. As revistas cinematográficas precisavam (e precisam) de capitais que lhes cobrissem as despesas; punham-se por isso ao serviço das casas de espectáculos. Os colaboradores precisavam (e precisam) de quem lhes pagasse os artigos; serviam por isso a vontade dos directores das revistas, os quais serviam os interesses dos directores das casas de espectáculos. É o conto da velha que tinha um gato, que caçava um rato, que roía uma rolha... A vida, leitor amigo, bem sabes que é uma jigajoga complicadíssima. E eu não quero fazer de puritano: Se numa ocasião difícil me oferecessem cem ou duzentos escudos por algumas linhas parvas (não faria o caso por menos) talvez, sei lá?!, talvez também eu dissesse que o Garat é superior ao Charlot, ou que a Severa do sr. Leitão de Barros leva as lampas à do sr. Júlio Dantas, e a do sr. Júlio Dantas à Margarida de mestre Dumas, e a Margarida de mestre Dumas à Manon de L'abbé Prévost... Mas depois arrepender-me-ia amargamente; e viria dar o dito por não dito aqui nas páginas do «Movimento», onde há rapazes que vêem cinema com mentalidade crítica e gosto artístico. Compreendamos por tanto, se quiserem, as realidades tristes — as fraquezas tanto dos produtores como dos espectadores do cinema. Compreendamos, pelo que diz respeito àqueles, a produção de filmes em série; e a elevação à categoria de estrelas ou astros, de mediocridades como a Clarinha Bow ou o Ramonzinho Novarro; a exploração persistente, sistemática, triunfante, da pobre mentalidade e da baixa sensibilidade dum triste público... E compreendamos, pelo que diz respeito a êstes (os espectadores), a sua maneira de apreciar a Greta Garbo ou o novo astro Clark Gable, não mais elevada (talvez até menos...) que a de apreciar o velho Mix ou o seu cavalo; e as razões por que geralmente vão ao cinema, — as quais são nas meninas o desejo de arranjar noivo ou cousa que o valha, o gosto, nos meninos, de exibir a elegância do seu físico ou do seu alfaiate, nos papás a necessidade de esquecer os dissabores quotidianos e o *Maria vai com as outras* nas mamãs. Sim!, compreendamos estas tristes cousas deste triste mundo. Mas lembremo-nos que neste triste mundo também há cousas belas, e que o gozo da arte é um dos mais autênticos prazeres da vida. Compreendemos as inevitáveis mediocridades que nos cercam — não é resignarmo-nos a elas. Pelo contrário: não nos resignemos! Sejamos utópicos para começar — que todas as grandes realidades nasceram de cousas olhadas como utopias. E sejamos práticos, positivos, meticolosos, conscientes, em chegando a hora. Nunca a mediocridade desfraldou tão petulantemente os seus estandartes, como no campo do cinema. Nunca a arte dependeu tão opressivamente do industrialismo e do burguesismo, como no campo do cinema. Pois façamos nós o réclamo do bom cinema — como se o que é superior precisasse de réclamo! Sejamos nós artistas vendo, criticando, realizando ou sonhando realizar cinema, já que êles, os outros, pretenderam ridicularizar quem exigia à produção cinematográfica o que se exige a qualquer produção artística. Pode ser que êles tenham por êles um efêmero presente, coitados! Mas nós temos por nós um eterno futuro. E como vamos ter cinema português, comecemos: Vejâmo-lo tão desempoeirados do sentimentalismo xexé de o louvarmos por ser nosso, como do pedantismo provinciano de o denegirmos por ser nosso. Vejâmo-lo como artistas e críticos. Haverá sempre de sobra quem o veja como pateta...

i o s é r é g i o



Rosine Deréan e Jean Murat, que veremos ainda esta época no filme de espionagem «Um certo Senhor Grant», exclusivo da Agência H. da Costa.

CRÓNICA DA QUINZENA

DE LISBOA

Se olhar para estas últimas duas semanas, nada há de notável, a não ser a exibição, no S. Luiz, duma produção de grande classe: *A Revolta das Feras*. A este filme, todavia, se referirá o Alves Costa quando ele fôr exibido no Pôrto. Pela minha parte, limito-me a aconselhar sinceramente todos os cinéfilos a irem vê-lo.

E como nada mais há que mereça atenção, vou divagar sobre um outro assunto, que não deixa de ter interesse.

Parece que a produção nacional, desta feita, sempre vai.

E eu, que embora seja dos que sonham e não aos somam — como diz o Leitão de Barros — compreendo perfeitamente a necessidade prática de assentar, pelo menos de início, a produção nacional em bases comerciais.

E se, a par desse comercialismo, encontrarmos bom gosto, uma técnica perfeita e um certo sentido artístico, não me escusarei mesmo a apoiar sinceramente essa produção, considerando-a como um veículo para um nível artístico superior.

Começou-se pela «Canção de Lisboa» e pelo «Gado Bravo». Dum lado, um aspecto curioso da vida cidadina, com certo sabôr popular e folgazão; do outro lado a beleza forte da lezíria, com toiros, sol e poeira.

Acho bem que se comece assim, mas peço aos deuses do celuloide que se acabe por um «Raparigas de Uniforme», por um «Tragédia da Mina» ou mesmo por um «Campeão».

Em Portugal, como nunca se fez cinema a sério, há tudo a aproveitar.

E se é louvável que se vá reproduzir na tela o que há de belo, por esse país fóra, é também INDISPENSÁVEL que os produtores e o público não se esqueçam que cá, como em toda a parte, há idéas a propagar, há outras a combater, e que o cine, o mais belo meio de propaganda que o século XX deu aos homens, não se pode desinteressar do assunto. Não, minhas senhoras e meus senhores, o cinema — quantas vezes será preciso repeti-lo?... — não é apenas um divertimento para inconscientes nem a melhor maneira de passar um bocado da noite.

Está certo que de comêço se procure criar interesse pela produção cinematográfica nacional, fazendo filmes que se coadunem com a mentalidade e as predileções da generalidade do público.

Mas será indispensável que a bitola artística vá subindo, que os filmes vão perdendo em frivolidade o que devem ganhar em beleza e em conteúdo intelectual.

Georges Altman, referindo-se a Mamoulian, a propósito de «Cântico dos Cânticos», diz: *il n'était plus Mamoulian, mais le montreur de Marlène*.

Ora é preciso que os nossos realizadores venham a fazer verdadeira arte cinematográfica, e que o mau gosto do público não os reduza apenas, como diz Altman, a simples *montreurs* de «*un être dont la seule fonction sociale est de montrer ses jambes*».

DO PORTO

Passou novamente o dia em que os cri-sântemos andam em todos os braços e a saúde em todos os corações. A humanidade é assim. Ama dentro de um código, sofre dentro de uma etiqueta e chora num dia marcado de ante-mão. Triste humanidade!

Mas passou, novamente, o dia marcado para cobrir de flores o lugar onde repousam aqueles que alguém chora ou alguém finge chorar... Numa linda tarde, fria mas cheia de sol, a cidade tomou de novo o anacrónico ar festivo de todos os anos. E novamente a dolorosa e tímida saúde se tornou em romaria ardente, espectáculo, despique...

Barbara la Marr, Renée Adorée, Eva von Berne, quem, quem floriu vossas campos distantes?

Valentino, Max Linder, Prince, quem, quem vos lembrou saídosamente?

Alguém, por certo. Alguém por certo levou encostados ao coração molhos de flores para vós, e piedosamente poisou seus joelhos, ao adorná-lo, no pedaço de terra acolhedora e fria em que vossa beleza dia a dia apodrece e dia a dia se dilue...

Alguém, por certo. E pelo mundo infinito, desde as paragens onde brilha o sol até às paragens onde brilha a neve, alguém silenciosamente, com lágrimas ou sem elas — qual das duas dôres é mais amarga? — chorou por vós...

Mas entre vós outros, figurantes obscuros que nenhuma glória iluminou e tornou conhecidos, entre vós outros há-de o vai-vem da vida e da morte ter aberto claros... E quem te levou comovidamente flores, a ti que fazias um soldado romano de Ben-Hur, a ti que fazias uma girl das Fox-Follies, ou do Rei do Jazz?

Quem, senão a vossa mãe, para quem, artista ilustre com o nome a letras de fogo nos «placards» luminosos, ou humilde e obscuro figurante, vós sereis sempre o seu menino ou a sua menina, sonho côr de rosa e frágil que seus braços embalaram e seus beijos aqueceram, carne da sua carne, sangue do seu sangue, amor do seu coração?

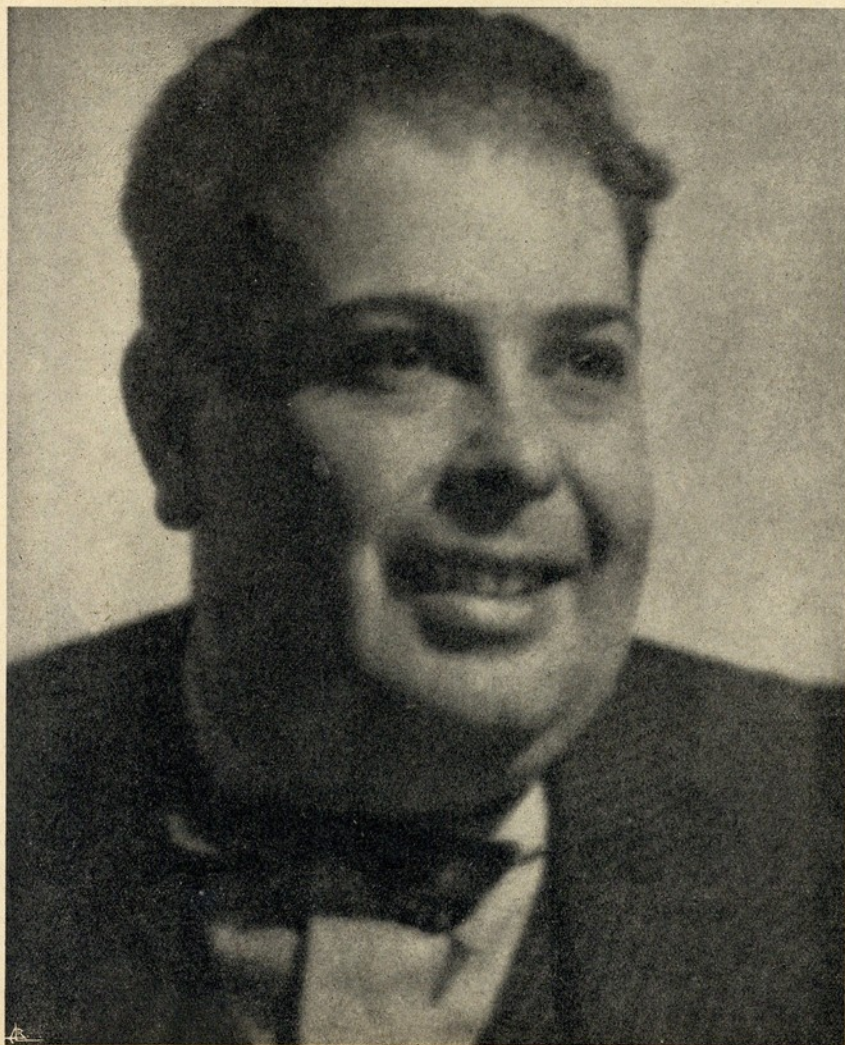
Ninguém, por certo...

E no entanto vosso primeiro sôpro de vida foi o mesmo, vosso último raio de luz foi o mesmo... Entre o artista ilustre e o figurante humilde, não houve, na hora luminosa do nascimento ou na hora sombria da morte, maior diferença do que a nenhuma diferença que existe entre dois sorrisos iguais ou dois soluços iguais...

No entanto — meu Deus! — que diferença, depois...

E anda connosco, irmão, o doido sonho de sermos todos iguais perante a Vida, quando nem perante a Morte o sômos!

**A Beatriz
e o Vasco**



**estão na
berlinda**

Coxia Central

Quais foram os filmes que celebrizaram artistas? Principiemos por Janet Gaynor, essa ingénua, vista por nós em bastantes produções, algumas bem pouco recomendáveis como obra de valia. Esta artista venceu em «Hora Suprema» (Seventh Heaven), recordam-se não é assim? Venceu com Charles Farrel que, por muito tempo, foi o galã inseparável de Janet.

Erich von Stroheim um belo dia descobre Fray Wray e filmando com ela «Marcha Nupcial» (The Wedding March), Fray Wray atinge nesta película a celebridade. Assim, cada artista vê chegada a sua hora de redenção e de triunfo. Mas quantas ainda esperam e quantas a não alcançam nunca? Já pensaram nessa tragédia surda?

Para Marlène Dietrich aponta-se como princípio da sua carreira triunfal «Marrocos», mas no meu fraco entender, sabe-se lá onde começa e onde acaba a arte de esta grande actriz?

Greta Garbo — dizem os americanos — foi com «A Tentadora» (The Temptress) que se tornou mundialmente conhecida. Porém, eu não acredito, pois recordo ainda hoje, saudosamente, essa «Rua sem sol».

Charles Rogers — o Buddy da Cinelandia — ex-aluno da Escola de Arte Cinematográfica da Paramount, desempenhando «Azas» (Wings), marcou inconfundivelmente um lugar. E ainda não há muito todos nós assistimos ao grande sucesso de «Raparigas de Uniforme» (Marchen in Uniforme), o mesmo é que dizer à consagração no cinema de Doroteia Wieck.

Doroteia Wieck nasceu na Suíça. Em Hollywood — ventosa de todas as grandes artistas — onde agora se encontra como sabem, ela espera, contratada, actuar noutras películas. Uns traços biográficos e sintomáticos de esta vedeta: começou a carreira teatral em Viena, quando tinha dezasseis anos, sob a direcção de Mary Reinhart; hoje é casada com o barão Ernest von der Döcken, director duma grande empresa jornalística de Berlim. Mais ainda: Doroteia Wieck é literata. É poetisa e ensaísta de valôr.

George Raft é apontado como um dos primeiros actores cinematográficos depois da sua interpretação em «Scarface». Pode dizer-se de passagem que «Scarface» em Portugal passou despercebida.

Mae West era nos teatros da América aplaudida, cotada. No cine, porém, só depois de actuar em «Nascida para pecar» consegue ser alguém. E não suponham que Mae West tenha apenas a recomendá-la dotes coreográficos e fotogénicos. É culta, instruída, como Elissa Landi.

É autora dramática. A sua peça «Sexo» deu origem a polémicas.

Mae West é, como Charlot, a própria autora dos argumentos e o seu próximo filme charmar-se-á «Isso não é pecado» (It Isn't no Sin).

A película que celebrizou Jean Harlow foi «Anjos do Inferno». Eu creio, no entanto, que melhor do que esse filme, foi a propaganda dos cabelos platinados, o seu sucesso. Ainda hoje não compreendo como se possa ser tão reclamada, tão sempre «afiche» devido a uma cabeleira. Mas.... enfim.

E acabemos, para terminar, com estas citações. Este meu artigo, assim, terá pelo menos a vantagem de mostrar em revista amena uma série de filmes que celebrizaram interpretes? Certo. Mas não é apenas debaixo de este ponto de vista — o estatístico — que teremos de apreciar os nomes de películas e de artistas. Para além dos nomes e dos filmes existe alguma coisa mais. E esse mais é precisamente o que deve interessar-nos. É a identidade de papeis.

O cinema, até hoje, tem sabido apenas aproveitar unilateralmente o talento interpretativo dos seus actores. Sendo este critério o de mais certos resultados para um agrado de plateia, conduz, todavia, quando levado ao exagero, a resultados bem funestos para o próprio artista.

Até as conseqüências foram mais longe do que a gente previa: o público cansou-se. As firmas produtoras, então, viram-se na urgente necessidade de remodelar os elencos, não só contratando novos actores para primeiro plano (expediente de exito pouco rápido), mas adotando também outras medidas protectoras mais eficientes, como o renovamento dos pares já consagradíssimos. Por isso se filmou Garat com Janet Gaynor, Lilian com John Boles etc..... Só uma estrêla de cinema — que eu saiba — tem trascenado na tela com galãs sempre diferentes. É Marlène. Senão vejamos: «Anjo Azul» com Emil Jannings, «Marrocos» com Gary Cooper, «Fatalidade» com Vitor Mac Laglen, «Expresso de Xangai» com Clive Brook, «Venus Loira» com Marshall e «Cântico dos Cânticos» com Aberne. E, por hoje, façamos um intervalo.

alexandre de medicis



NUM lago de reflexos azuis
Entre paúis
Na bruma,
Um cisne voga
De espuma
Todo...

Só no lôdo,
Seu colo brando,
Lembrando
A proa duma gôndola,
De quando em quando
Se afoga
E sem rebuços
Se agita.

... Como se fôsse uma mulher bonita
De-bruços
Sôbre uma tômbola

l u í s g u e d e s

King Kong

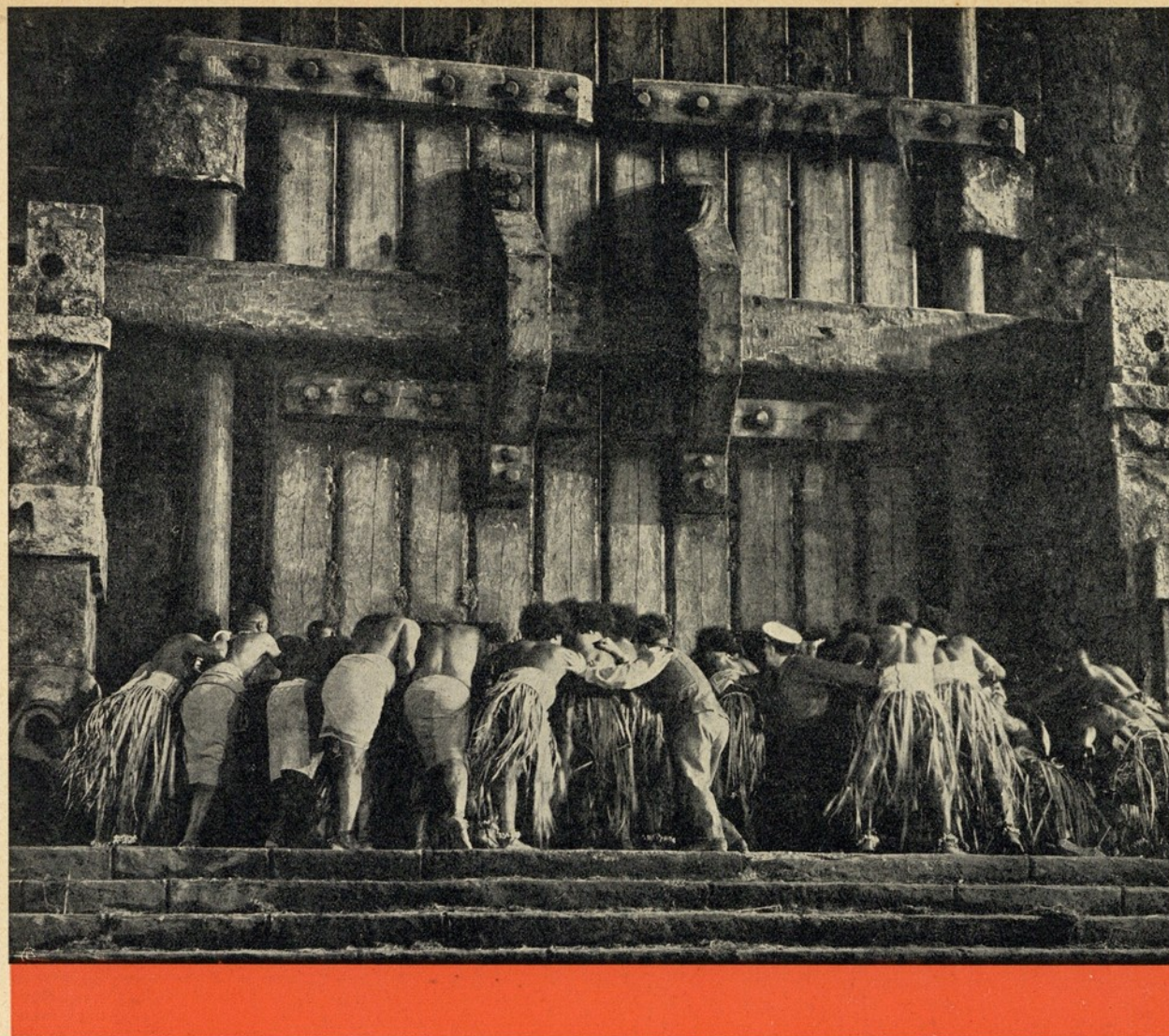




EM Londres exibiu-se King-Kong durante cinco meses seguidos, num cinema que dá cinco sessões por dia e comporta 3.000 espectadores.

Calcula-se que no decorrer das 352 exibições do primeiro mês fôsse visto por mais de meio milhão de pessoas.





KING-KONG, que o S. João estreará no dia 27, foi realizado por Willis O'Brien, sobre uma ideia de Meriam C. Cooper desenvolvida pelo célebre escritor inglês Edgar Wallace, já falecido. Produção da R. K. O., KING-KONG tem feito em todo o mundo um sucesso monstro, sendo considerado unânimemente pela crítica como uma obra prima de técnica.



CRÍTICA DE FILMES

A noite é nossa — Por princípio, eu sou contrário a que se dê a um filme cinematográfico a construção teatral mais ou menos vinculada, porque julgo o cinema um meio de expressão suficientemente rico e suficientemente independente para dispensar ajudas e influências alheias. Todavia, sou obrigado a constatar que Stewart Walter, realizando *A Noite é Nossa* numa maneira pouco cinematográfica, não deixou de fazer um trabalho de merecimento, agradável e mesmo de acentuada beleza por momentos. Todo o começo do filme, desde o encontro no baile até à cena das gargalhadas (uma cena admirável, por sinal) é cheio de poesia e de encanto, quer pela beleza dos enquadramentos (a cena no barco lembra o «Cavaleiro do Amor» de King Vidor), quer pelo diálogo que é excelente, quer pelo desempenho que é magnífico, quer ainda, pelo comentário musical que sublinha toda a acção. Depois, cai-se, pela debilidade do argumento, na vulgaridade habitual deste género de filmes, acentua-se a construção teatral, vincando-se mais as cenas dialogadas e sem movimento, e a história acaba abruptamente por um desfecho dum ridículo absoluto. E todavia, este filme, que não diz nada, que é apenas bonito e muito bem interpretado, podia ser uma obra interessante se no final fosse de encontro às exigências comerciais, que impõem o «happy-end», e terminasse à maneira de Stroheim, como na «Marcha Nupcial»...

O maior valor de *A Noite é Nossa* é Claudette Colbert cujo desempenho simplesmente primoroso vale por todo o filme. Nunca supus que Claudette fosse tam grande artista! Friedrich Marsh vai muito bem, com sobriedade, e há no seu olhar — já repararam? — qualquer coisa de inatingido que torna curiosa a sua figura simpática. A fotografia de Karl Struss é lindíssima e o comentário musical que acompanha todo o filme é particularmente feliz.

Minha Mulher Noiva de Outro — Às vezes chego a não compreender como é que os franceses conseguem fazer filmes tam maus... Têm bons artistas, têm bom material técnico, mas é o que se vê...

André Berthomieu deu muito fracas provas do seu saber levando à tela «Mlle. Josette ma Femme». O filme é desconexo e nitidamente mal feito. Falta-lhe unidade e ritmo. A fotografia é banal, e meia duzia de exteriores bonitos — como se veem aliás em qualquer actualidade — não bastam para tornar suportável esta obra insignificante.

Mil e duas Noites — Mas nós voltamos aos tempos antigos? Ao vêr esta fita eu tive a impressão de estar revendo fragmentos de algumas velharias, de identico género, que passaram por cá há bastantes anos. E francamente, *Mil e duas Noites* é, em cinema, um lamentável retrocesso!... O filme é construído em moldes velhíssimos e com uma técnica que já se não usa. O próprio desempenho é fraco e Ivan Mosjoukine, que foi tam grande actor — lembram-se do «Defunto Matias Pascal?» — é hoje apenas uma sombra do que fôra então. Que pena não ter parado a tempo. Não teríamos agora o desgosto de o vêr cair irremediavelmente.

A Guerra das Valsas — Dentro do género de cinema simplesmente espectacular, cinema diversão, sem tratar de sérios conflitos psicológicos ou sociais, também se pode fazer bom trabalho, com arte, com beleza e com bom

gôsto. *A Guerra das Valsas* digno sucessor de *O Congresso que Dança*, é um exemplo dos mais felizes. Duma agradável leveza e duma tam deliciosa frescura, este filme risonho e de argumento singelo, não exclue as qualidades indispensáveis a uma boa obra de cinema. É bem feito, homogêneo, harmonioso. As cenas do início passadas no «heurigen» e sobretudo as partes finais, na rua e no tribunal, são cheias de movimento, dum movimento bem ritmado, crescente, comunicativo, que leva o espectador a compartilhar, inconscientemente, da acção, a deixar-se arrastar pelo delirante entusiasmo dessa multidão enebriada pela música e pela dança. Todo o filme é dum cuidado equilíbrio, trabalhado com esmero na montagem, na montagem do som, sobretudo, o que nos dá uma perfeitíssima ligação musical de seqüência para seqüência. A anedocta, muito simples, recortada de engraçadas peripécias, é assim valorizada, por um lado, pela realização habilidosa e de bom-gôsto de Ludwig Berger, por outro, por um desempenho feliz, muito certo, do qual Fernand Gravey faz as honras.

De filme para filme, Gravey revela-se melhor actor. Bastaria a cena do primeiro encontro com a rainha para o classificar, se todo o seu desempenho não fôsse, como é na realidade, perfeito, natural e dum constante equilíbrio. Agradou-me, igualmente, Madeleine Ozeray, linda, delicada, encantadora. E tam bonita que é a sua voz!... Jeanine Chrispin defendeu-se bem dum papel em que todos gostariam de ver Lilian Harvey... Injusto seria não conceder, por fim, ao operador Carl Hofmann e ao compositor musical Alois Melichar — cuja colaboração foi, sem dúvida, preciosa para L. Berger — esta citação de homenagem que bem merecem.

Um amor que não morreu — Suponho que este filme foi extraído duma peça de teatro, tam acentuada é a sua sujeição a regras e a processos que não pertencem ao cinema. O argumento, que lembra por vezes a literatura camiliana não é, na realidade, destituído de todo dum certo interesse. O que eu condeno, sobretudo, é a realização mediocre de Sidney Franklin, que desprezou toda a original riqueza dos incomensuráveis meios de que a arte cinematográfica dispõe, para fixar a acção do seu filme tal qual como se se desenrolasse num palco, com cenas que denunciam mesmo a altura dos finais de acto, agravando tudo, ainda, com essas conversas com almas mais ou menos penadas e esse final ridículo de «fantasmas» em começo de viagem de núpcias... Para mais, a construção absolutamente teatral e o «romantismo alarconiano» da história, tornam o filme lento e pesado. E, para acrescentar à desgraça, foi-nos apresentada uma versão francesa em «dubbing» imperfeitíssimo que nem ao menos nos permite apreciar convenientemente o bom desempenho de Norma Shearer e de Fredric March. (Quando é que a Metro se resolverá a trazer as versões originais de todos os seus filmes? Se fôr agora já não é sem tempo). Lee Garmes fez uma fotografia bonita, em ângulos vulgaríssimos, aliás, e que nem iguala qualquer dos seus precedentes trabalhos nem vem dar merecimentos a uma obra de mau cinema, porque não conto os valores isolados. Um filme, como disse Eisenstein, vale pelo conjunto, e não por este ou aquêlê detalhe. Enfim, neste começo de época tam infeliz mais um filme mau já faz parte da regra... De resto não podíamos esperar grande coisa duma fita que ganhou um prémio na América...

a l v e s c o s t a

Leitão de Barros vai realizar

«A Balada de Coimbra»

Leitão de Barros, que há quasi dois anos e meio não realiza um filme, começou por me dizer, no seu gabinete de director do *Noticias Ilustrado*:

— Embora não pareça, creia que nunca trabalhei tanto em cinema como durante este tempo todo que estive sem realizar nenhum filme.

Trabalhei no estrangeiro, frequentando estúdios e vendo em Paris filmes que não são exibidos em Lisboa, e que eram os que melhores ensinamentos me podiam trazer.

Você compreende: nós, se nos quisermos preparar para fazer cinema em Portugal, não o podemos fazer, vendo como De Mille faz uma reconstituição histórica, dispondo de cifras astronómicas, ou como é orientada a produção de qualquer Paramount ou de qualquer Ufa.

O que nos interessa é ver como os países de possibilidades iguais às nossas resolvem o problema.

Foi o que eu fiz, vendo em França alguns filmes suecos, tchecos, etc.

E trabalhei em Portugal, fazendo cálculos, imaginando argumentos, pensando assuntos; não calcula a quantidade de filmes que se têm desenrolado, de ponta a ponta, dentro do meu cérebro.

— E afinal, qual desses filmes vai ser uma realidade?

— A BALADA DE COÍMBRA. Coimbra ainda não foi convenientemente aproveitada, nem em literatura, nem em cinema. É o que vou tentar fazer.

Para isso imaginei uma anedota, em cuja forma definitiva devem colaborar comigo um grande dramaturgo e um grande poeta portugueses.

É uma história que se desenrola em 1904, a última época em que se verificou em Coimbra, completamente, a tradição e o espírito académicos.

Desta época, dos seus trajes, dos seus costumes, poderei tirar efeitos deliciosos.

Assim, imagine você o que será, por exemplo, nós vermos agora um desafio de futebol, com os jogadores de fartas bigodeiras, camisolas às risquinhas, calções até às canelas e um público constituído por quatro pessoas!

Outras duas cenas curiosas do filme serão a chegada à Estação Velha dum comboio de excursionistas, absolutamente 1904, desde as carruagens aos trajes dos passageiros, e uma corrida de automóveis com carros da época.

— Não se trata então de um documentário sobre Coimbra?

— Não, de forma nenhuma. Coimbra é um grande cartaz. E a minha atitude, como director de filmes, é a de um artista que procura satisfazer a sua sensibilidade dentro dos limites que lhe são impostos pelo lado industrial do cinema.

Eu não vou ter com um capitalista e dizer-lhe: tenho um sonho comigo; dê-me você tantos centos de contos para o meu sonho. Não. Eu falo com o capitalista, e digo-lhe: há um negócio que lhe convém. Exponho-lho. Fazemos os cálculos e ele diz-me de quanto dispõe.

E dentro desses limites eu vou fazer uma obra que satisfaça a minha sensibilidade de artista, e que seja um negócio para o capitalista.

E, como lhe ia dizendo, Coimbra é um cartaz, tanto aqui como no Brazil, [que convém aproveitar. Não para mostrar apenas a torre da Universidade, a Porta-Férrea, o Choupal e o Penêdo da Saudade.

Não é isso que eu farei. Vou antes filmar uma comédia um bocadinho satírica, procurando condensar nela o espírito académico da época em que fixei a acção, e que me parece a mais interessante.

Coimbra aparecerá sempre como pano de fundo, de modo que o filme naturalmente resulta documentário, mas com uma anedota intensa, cheia de acção, absolutamente cinematográfica.

E Leitão de Barros conta-me as linhas gerais do argumento, cheio de graça, de *trouvailles*, e sobretudo de espírito crítico. Não o reproduzo, porque foi com essa condição que ele mo contou.

— Sobre intérpretes, data de começo de filmagens...

— Sobre isso, nada lhe posso dizer, porque nada há ainda resolvido.

— O filme é feito para a Tobis?

— Sim, a Tobis está interessada pelo assunto, e creio que o farei para esta companhia. No entanto, ainda que a Tobis desista, posso garantir-lhe que o filme se fará.

— E tenciona aproveitar os estudantes de Coimbra para figurantes?

— Pois está claro. Conto que a Academia de Coimbra, dentro de alguns meses, ostente famosas bigodeiras.

Despeço-me. Deixo Leitão de Barros a trabalhar na redacção do seu jornal.

E saio confiado nas possibilidades extraordinárias deste artista extraordinariamente inteligente e extraordinariamente activo.

f e r n a n d o b a r r o s



Leitão de Barros que
tanto nos honrou dizendo
que nós somos dos que
sonhamos e não dos que
somámos.

Finalmente

A Festa de «Movimento»

Leitores: quem espera sempre alcança. A Festa que «Movimento» vos prometeu, realizar-se-á no próximo dia 5 de Dezembro, às 3 1/2 horas da tarde, no elegantíssimo SÃO JOÃO-CINE que o seu gerente e nosso particular amigo Sr. Alvaro Pires gentilmente poz à nossa disposição.

Isto quer dizer que muito brevemente vamos todos, nós que fazemos «Movimento» e vocês que a lêem, passar algumas horas de agradável convívio ficando a conhecermo-nos mutuamente, com o que terão apenas a lucrar as nossas relações futuras.

Sobre o programa há muitas coisas para vos dizer. O nosso director — apesar de ter horror aos discursos, desta vez não escapa — apresentar-vos-á um por um os nossos redactores presentes, ficando vocês assim a conhecer ao vivo aquele que numa tarde soalheira vos divertiu e aquele que, numa célebre manhã de nevoeiro, vos aborreceu.

Beatriz Costa e Vasco Santana, dois artistas cheios de mocidade alegre e dois bons amigos nossos, acedendo com a sua proverbial amabilidade ao nosso pedido, farão o sorteio do nosso CONCURSO DA VIAGEM A LISBOA, sendo imediatamente entregue ao feliz premiado uma senha permitindo que compareça no dia seguinte na nossa redacção para receber a importância relativa aos bilhetes e uma carta para a gerência do HOTEL METRÓPOLE que o hospedará durante os quinze dias da sua estadia na capital.

A AGÊNCIA H. DA COSTA, a conhecida casa distribuidora que todos os cinéfilos de bom gosto admiram e apreciam, cede-nos amavelmente os filmes que serão projectados e um dos quais será: DOIS CORAÇÕES A COMPASSO, com a deliciosa Lilian Harvey.

Como se vê, à escolha do PROGRAMA, que será publicado na íntegra

no próximo número, presidiu o critério de, dando bom cinema, dar ao mesmo tempo um filme agradável, que divirta e bem disponha, fazendo que a atmosfera da nossa festa seja de bem estar e alegria como é justo que seja.

Falemos agora na distribuição dos bilhetes que podem ser procurados na nossa redacção à Rua Elísio de Melo, n.º 28, Sala 4, *todos os dias úteis, das 5 às 6 1/2 da tarde*, desde a saída deste número, até ao dia 30 do corrente mês de NOVEMBRO.

Como várias vezes temos dito, têm o direito de assistir GRATUITAMENTE à nossa festa.

1.º — OS NOSSOS ASSINANTES. No acto de procurarem os seus bilhetes é necessário munirem-se do recibo comprovando o pagamento da sua assinatura.

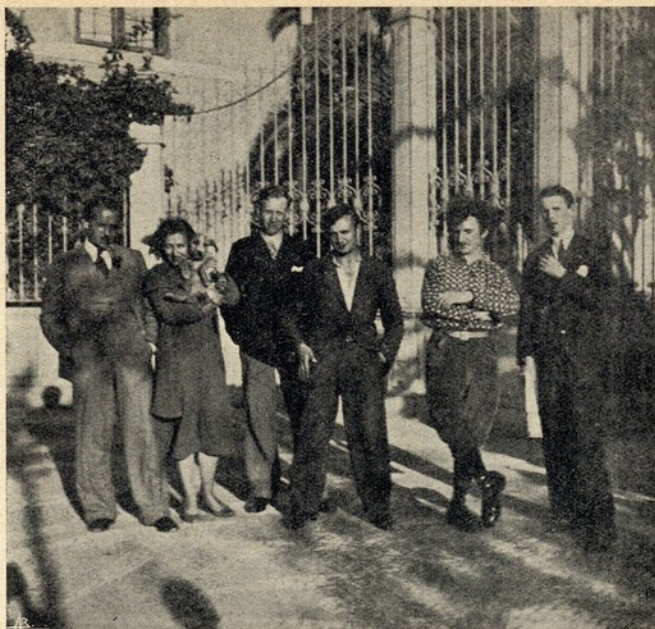
2.º — OS NOSSOS LEITORES ASSÍDUOS. No acto da requisição dos seus bilhetes é necessário apresentar-nos os selos publicados em cada número de «Movimento» para êste fim, ou, no caso de não desejarem cortar os selos, a sua colecção de «Movimento».

(Qualquer dos nossos leitores a quem falem selos, poderá adquirir na nossa redacção os números correspondentes, sem qualquer aumento de preço).

3.º — OS CONCORRENTES DO NOSSO CONCURSO DA VIAGEM A LISBOA. Que deverão requisitar os seus bilhetes munidos da sua senha de concurso.

Ora muito bem. Cá vos esperamos, **TODOS OS DIAS ÚTEIS, DAS 5 ÀS 6 1/2 DA TARDE.**

A Caravana no Algarve



A CARAVANA COM O CORRESPONDENTE DE «MOVIMENTO» EM FARO

A «CARAVANA» que o camarada Telmo Felgueiras já apresentou aos leitores de «Movimento», visitou Faro.

A sua chegada a esta cidade algarvia constituiu um grande acontecimento para duas classes de pessoas: os mirones admiradores de «carros novos» e os cinéfilos amadores de espectáculos de graça.

Foi ali mesmo à esquina da rua Vasco da Gama que falei a Charles Smets, um dos pintores que fazem parte da «CARAVANA». Por sinal que teve graça.

Smets olhava comprometidíssimo para um marco onde pretendia deitar um postal. O que o afligia — soube-o depois — era a próxima tiragem ser apenas às 7,30. Achava tardíssimo.



Uma cena do filme «A Pagã» impressionada em Rio Frio

Informei-o de que não havia, decididamente, qualquer tiragem mais cedo. E êle, ainda recesso:

— Chegará amanhã de manhã?

— Sim, tranquilizei-o.

E seguimos rua de Santo António abaixo. Falei-lhe da visita da «CARAVANA» ao Algarve.

— O Algarve é lindíssimo, disse-me.

E continuou:

— Presta-se de um modo extraordinário para a factura de filmes, quer pelo seu delicioso clima, quer pela sua paisagem surpreendente. Um belo stúdio ao ar livre, terminou.

E, respondendo à minha natural curiosidade sobre o que tinha sido filmado no Algarve para «A Pagã» — título do filme que, como os leitores já sabem a «CARAVANA» está realizando —:

— No Algarve foram maniveladas tiradas

de 100 metros respectivamente no Cabo de S. Vicente, Lagos, Praia da Rocha, Tavira, Albufeira e Olhão...

Chegamos ao hotel. Junto do magnífico «Minerva» em que a «CARAVANA» viaja, encontramos Stephane Börg, o galã do filme. Pedi-lhes autorização para fazer para «Movimento» uma das fotos que ilustra este artigo. Acederam gentilmente, dizendo-me Börg:

— Tenho fotos para o «Movimento».

E entregou-me duas: uma representando a «CARAVANA» com a Comissão de Iniciativa e Turismo de Albufeira, outra representando uma cena filmada em Rio Frio para «A Pagã».

Às 3,30 despedimo-nos na Alameda João de Deus. E a «CARAVANA» seguiu, com os meus cumprimentos em nome de «Movimento».

j o s é d o s s a n t o s s t o c k e r

VALA COMUM

Renato Claro termina da seguinte forma, um artigo publicado na «Invica-Cine»:

«Vocês viram *Raparigas de Uniforme* de que tanto gostaram. E no entanto o filme parece servir já as tendências exageradas de Hitler».

Ou nós não percebemos o que o Senhor Renato quer dizer ou o Senhor Renato não compreendeu o filme em questão. E embora nos inclinemos francamente para a segunda hipótese, agradeceríamos ao Senhor Renato Claro o favor de nos explicar em que é que o filme de Léontine Sagan parece defender as tendências exageradas de Hitler.

E se o conseguir, passe cá pela redacção a buscar um: doce que lhe daremos de prémio...

Possivelmente devido à velocidade necessária a todos aqueles que se preocupam apenas em *chegar primeiro*, na sua entrevista com Vasco Santana o camarada Emilio Loubet refere-se à «Bataille» de Farrère, afirmando tratar-se de uma «enorme peça de teatro». Isto para afirmar que o teatro filmado será o cinema de futuro.

Ora isto não é, felizmente, assim. Mas não se trata de discutir o que será o cinema de amanhã. Trata-se apenas de informar o camarada Loubet—esta coisa das pressas!—que a «Bataille» não é uma peça de teatro mas sim um dos mais célebres romances do brilhantíssimo escritor «doublé» de oficial de marinha que é Claude Farrère.

Positivamente, não é justo que se fale de coisas que se ignoram. E como a um jornalista de carreira—e carteira registada na respectiva colectividade—não fica bem ignorar certas coisas de uma literatura tam conhecida em Portugal como é a francesa, pedimos ao Armando, que é um fervente admirador de Farrère, algumas notas sobre a vasta obra deste escritor.

Romances possui Farrère: «La Bataille» focando a guerra russo-japonesa; «Les Civilisés» passado em Saigón; «La Dernière Déesse» passado durante a guerra de 1914; «Mademoiselle Dax, jeune fille» caricaturando o meio burguês de França; «Les petites alliées» continuação de Mademoiselle Dax, e passado no demi-monde de Toulon; «Thomaz l'Agnelet, gentilhomme de fortune» sobre os corsários de Brest, e em que se fazem referências ao poderio naval dos portugueses e ao Rei D. Manuel I; «Le dernier Dieu» simbolizando o amor; «Les condamnés à mort» tratando o problema operário; «L'homme qui assassina» passado em Constantinopla; «Les hommes nouveaux» passado em Marrocos; «La maison des hommes vivants» tratando um caso de dupla visão; «Les quatre dames d'Angora» sobre a Turquia; «Cent millions d'or»; «Le chef» passado em Lisboa.

De contos possui Farrère vários livros: «14 histoires de soldats»; «17 histoires de marins»; «Bêtes et gens qui s'aimèrent»; «L'autre côté»; «Fumée d'opium»; «Histoires de très loin ou d'assez près»; «Saharâ sultane et la mer»; «L'extraordinaire aventure d'Achmed Pacha Djemalédine».

Memórias, dois: «Loti» e «La porte dérobée».

História, um: «Combats et Batailles sur

mer» escrito de colaboração com o inglês Paul Chack e traduzido para português pelo comandante Oscar de Carvalho.

Viagens, dois com o título genérico de «Mes Voyages» e os sub-títulos: «La promenade d'Extrême Orient» e «En Asie».

Novelas, dois: «Une aventure amoureuse de M. de Tourville» e «La nuit en mer».

E teatro, apenas uma peça em 4 actos, chamada «La veille d'armes», e «L'homme qui assassina» que foi adaptado ao teatro, salvo o erro, pelo dramaturgo e romancista Pierre Frondaie

Assim é que está certo, E é ainda possível que, de momento lhe falhasse algum, diz o Armando.

De «Pour Vous» recortamos esta que tem na realidade espírito: Gary Cooper e Fredric March repousavam entre duas tomadas de vistas de «Razão de Viver» o novo filme de Noël Coward.

Nêste filme ha uma mulher colocada nesta desagradável situação: tem dois amantes e não sabe qual dos dois prefere.

—Gary, diz subitamente Fredric March. Por mais que pense não consigo encontrar uma palavra semelhante a «poligamia» e que signifique precisamente o contrário...

—«Monotonia», respondeu Gary.

Recebemos dois números de «Horizonte», revista de novos como a nossa.

O seu aspecto gráfico agradou-nos pelo cuidado que revela e pelo bom gosto que demonstra. Agradecemos.

Recebemos também mais um número de «Imagem». Agradecemos ainda.

Devemos agradecimentos ao «Notícias Ilustrado» e ao pósto emissor «Rádio-Graça C T I D R», que, foram amáveis para connosco pelos meios respectivamente ao seu alcance.

A maioria dos directores de cinema americanos recusam-se terminantemente a passar «actualidades» em que apareça o Sr. Hitler.

Esta resolução é tam acertada que nem parece americana.

Terminou a primeira série de conferências culturais cinematográficas organizadas pela nossa revista de colaboração com o Pósto Rádio-Emissor da Casa Forte, gentilmente pósto à nossa disposição pelos seus proprietários. Não terminaram porém de vez as nossas conferências. Muito brevemente iniciaremos uma nova série de palestras que, estamos certos, causarão o mesmo interesse entre os nossos leitores que se interessam pela rádio. Nessa nova série de palestras, tódas as semanas um dos nossos redactores falará sobre os filmes da semana

anterior, respondendo pelo microfone às perguntas que durante a sua palestra os leitores que assim o desejem transmitam pelo telefone à «Casa Forte». Que lhes parece a ideia?

«Ouro» o filme da Ufa que constituirá, estamos certos, um autêntico sucesso é, como os leitores decerto sabem, interpretado por Brigitte Helm. A versão alemã está sendo realizada por Karl Hartl e a francesa por Serge de Poligny, tendo respectivamente nos principais papéis masculinos Hans Albers e Pierre Blanchar.

Já está a ser impresso o primeiro CADERNO DE ELUCIDAÇÃO CINEMATOGRAFICA, contendo a conferência feita pelo nosso director sobre o tema: «Charlot, a Vida e a Verdade Cinematográfica». Este caderno será pôsto à venda nos primeiros dias do próximo mês de Dezembro, ao preço de 3\$00.

De um discurso de Cotinelli Telmo, o realizador de «A Canção de Lisboa»:

«A publicidade feita em torno de «A Canção de Lisboa» criou uma expectativa enorme: uns sentem uma confiança ilimitada: são os *optimistas*; outros, em menor número, descreem: são os *mal-intencionados*». Tomamos nota de que o contrário de *optimista* é *mal-intencionado* e já riscamos do dicionário a palavra *pessimista*.

É Noël-Noël quem conta esta curiosa anedota. «O meu amigo Dorin foi um dia apresentado a Mistinguett que olhou para êle e disse:

— Dorin, autor de canções? Não conheço... Passaram tempos e Dorin foi novamente apresentado a Mistinguett.

Desta vez, porém, foi êle que, cumprimentando cerimoniosa e delicadamente disse:

— Mistinguett? Ah! Mas o nome não me é estranho... Madame é modista, não é assim?

Relatam de New York que Edwina Booth, a heroína de «Trader Horn» intentou à firma productora dêsse filme um processo em que reclama um milhão de dollars de indemnisação.

Pretende Edwina Booth que a sua estadia em África lhe causou várias doenças de que continua sofrendo, devidas sobretudo a quedas de árvores, à necessidade de filmar ao sol de cabeça descoberta, etc.

Ganhará a interessante rapariga o seu processo? Como para estas coisas, ter razão não quer dizer nada...

No Domingo 5 de Novembro, realizou-se no Campo Pequeno a filmagem para o «Gado Bravo».

A cena da tourada, pelas informações recebidas, decorreu brilhantíssima. Um pormenor curioso: Como a tarde estava fria e a cena tinha de decorrer numa tarde quente, Lopes Ribeiro pediu, pelo megafone, para a assistência despir os casacos e gabardines, para se abanar, dando assim a impressão de que se estava em Agosto, sob um sol tórrido. Sem uma hesitação, imediatamente, inúmeras pessoas puzeram-se em mangas de camisa, entalaram lenços no pescoço, etc. Nosseck ficou maravilhado.

A primeira do filme «Vol de Nuit» tirado do romance francês de Antoine de Saint-Exu-

péry que ganhou o prémio Femina, teve lugar no dia 6 de Outubro passado no Capitólio de New-York.

«Vol de Nuit» foi realizado por Clarence Brown tendo como vedetas John e Lionel Barrimore, Helen Hayes, Clark Gable, Robert Montgomery e Mirna Loy.

Os críticos de New-York trasbordam de entusiasmo, classificando o filme de «o melhor filme de aviação que se tem feito em Hollywood».

No entanto, os críticos da outra imprensa dizem exactamente o contrário.

Mr. Harrison, por exemplo, diz, textualmente: «Para um filme dêste preço «Vol de Nuit» desiludiu-nos. Na realidade, o filme não tem assunto, ou por outra, tem um assunto infeliz, tentando distrair o espectador por meio de desgraças e até mortes.

John Barrimore, como chefe de equipe, limita-se a parecer austero e a dar ordens desumanas; Lionel passa o tempo a coçar-se; Helen Hayes leva o filme todo a fazer o jantar para um marido que nunca mais chega, etc...

Façam agora a média, e deve estar certo.

Um cinéfilo escreve-nos pedindo que publiquemos no «Movimento» um anúncio a pedir um «angora» branco. Muitos pecados temos nós, para aturar êstes cinéfilos!

No desejo de aumentar aos nossos leitores de Lisboa o interesse que a nossa revista lhes tem despertado, começamos neste número a incluir uma secção em que, em duas palavras, ao lado de um dos nossos redactores no Pôrto, os nossos camaradas de Lisboa Alexandre de Serpa e Fernando Barros farão o balanço da quinzena.

Ainda com o mesmo intuito iniciaremos no próximo número a publicação de uma página de «Crítica» dos filmes estreados em primeira mão em Lisboa, reservando-se ao nosso camarada Alves Costa a crítica das que, ao contrário, sejam primeiramente estreadas no Pôrto.

Ao nosso lado começa neste número de «Movimento» enfileirando o Dr. José Régio, um dos mais claros e indiscutíveis valores saídos da última geração coimbrã. Agradeceimos-lhe sinceramente penhorados a gentil anuência ao nosso pedido.

Pretendendo escrever a interjeição americana O. K. sinónimo de *all right*, um simpático rapaz, actor de cinema, jornalista, e estudante de Direito, escreveu Hockey, o nome do popular desporto. Francamente, camarada Quincas, assim não vale! Não seria preferível ser menos coisas, para as ser com mais conhecimento de causa?

Cumpre-nos agradecer à Ex.^{ma} Empresa do Cine-Ovar a concessão aos leitores de «Movimento», de um bonus de 50 % em tôdas as matinées, bonus êste cuja senha já incluímos no presente número.

Devemos também agradecimentos à Ex.^{ma} Empresa do Teatro Afonso Sanches, de Vila do Conde, que acaba amavelmente de conceder aos leitores de «Movimento» a regalia de 50 % de desconto para tôdas as matinées, nos lugares de plateia.

Estação de Serviço

SALA DE ESPERA

No penúltimo número da «Agence d'Information Cinégraphique», Jean Pascal começava assim o seu artigo de fundo: «Des censures sévères reprochent parfois à la critique cinématographique son manque d'indépendance. Les grands quotidiens passent pour considérer le cinéma surtout comme une source abondante de revenus publicitaires et les comptes rendus de filmes se ressentent trop, dit-on, de l'importance des «placards» d'annonces. Il y a quelque chose de vrai dans ces griefs».

E depois de várias considerações continuava: «...on trouve infiniment plus de dignité et de courage dans la petite presse périodique ou corporative, que dans les mastodontes à gros tirage qui passent por regenter l'opinion publique...»

Daqui tiro esta conclusão, aliás pouco agradável: Por lá como por cá.

Mas ao menos isso serve-nos de consolação...

EXPEDIENTE

ESTUDANTE CINEFILONUDISTA — Obrigado pela sua longa carta que, longe de me aborrecer, eu li com bastante agrado. Como já deve ter visto pelos dois números anteriores, nós só esperavamos pela abertura da temporada de inverno para incluirmos de novo, nas nossas páginas, uma secção de crítica. Devem, pois, estar satisfeitos os seus desejos.

Não lhe posso responder com absoluta certeza à pergunta que me fez a respeito de Leïla Hyams. Só vi os filmes que menciona, mas, como compreende, isso não é razão. Estou de acôrdo com a sua opinião sobre *Robinson Moderno*, mas não sou do seu parecer com respeito aos filmes *Uma rapariga ao volante* e *Festas Felizes*. Sobre as outras fitas compare as suas impressões com as críticas publicadas nesta revista. Obrigado pelos nomes lisonjeiros que nos chama e continue escrevendo.

F. NUNES DA SILVA — Tenha calma, senhor. Os livros de cheques que habilitam os nossos assinantes ao prémio semanal duma entrada gratuita para o cinema que escolham e no dia que melhor lhes convier, são enviados pelo correio, depois da administração registar o pagamento da assinatura e não no acto desse pagamento. Por enquanto não pensamos em criar uma página para fotografias de amadores, mas a sua ideia talvez possa vir a ser aproveitada.

UMA FEIA — Nem que Você teime eu não acredito que seja feia. Tôdas as leitoras do «Movimento» são encantadoras. E para se ter a certeza disso basta ir às quintas-feiras à matinée do S. João... Como deve ter visto, já foi desmentida essa notícia sobre a destruição do filme «La Bataille», cuja realização está terminando normalmente.

Não sei ainda que filmes veremos este ano com Boyer ou com Brasseur.

Iremos aos poucochinhas, para não assustar, combatendo as manias ridículas de certos cinéfilos e de certas cinéfilas. Fica proibida de me pedir desculpas quando me escrever. Senão zango-me...

DOMADOR DE ESTRÉLAS — Sempre me aparece cada pseudónimo!...

Ai vão as direcções que deseja saber:

Marta Eggerth, Berlim W., Kurfürstendamm, 136-
Jacques Catelain, 63 Boulevard des Invalides,
Paris. Obrigado pelo abraço.

VIANEZ — Gostei da sua carta, pode crer. Você adivinhou admiravelmente o incómodo duma posição como esta. Mas como deve ter notado eu só admito perguntas inteligentes. De resto, já no primeiro número, ao abrir esta secção, eu preveni que ficariam sem resposta quaisquer perguntas futeis e ridículas sobre a vida íntima dos artistas de cinema. Eu bem sei que procedo ao contrário de todos os camaradas do mesmo «ofício», mas entendo que a correspondência dirigida a secções como esta se torna muito mais útil e interessante, se tratar assuntos sérios, se estabelecer uma troca de opiniões sobre filmes, etc., de forma a tornar proveitosa essa correspondência. Infelizmente nem todos assim entendem...

MANOEL GOMES PACHECO — O número 1 está esgotado, mas como é possível que se venha a tirar uma segunda edição, registamos o seu desejo.

CINÉFILO DOS 4 COSTADOS — Já estava estranhando a sua falta de notícias. Quando quizer escrever-me e não tenha nada que perguntar, não tenha receio. Escreva na mesma, conte-me as suas opiniões sobre os filmes que viu e conversaremos. Perguntas patêtinhas faz Você muito bem em pôr de parte, porque não só não lhes responderia, como ficaria, também, fazendo um péssimo juízo de si... Ouça lá, porque é que Você não emprega o seu entusiasmo pelo «Movimento» arranjando novos assinantes? Já sei, agora não ouviu mesmo nada...

JOÃO DE SOUSA — É possível que as «meninas da Tobis» mandem os retratos. Experimente. Pois claro que são umas raparigas muito simpáticas e algumas delas são nossas amigas. Você veja lá em que se mete... olhe que há uma, que usa umas unhas muito compridas, que é uma ferazinha. Se até a Beatriz lhe tinha medo!...

MOVIMENTOFILO — Escreva a Jean Murat para: 20 Avenue de Neuilly, Neuilly-Sur-Seine, França; e para Kate de Nagy: Humboldtstrasse, 36, Berlin-Grünwald, Alemanha. Não sei neste momento a direcção do outro artista. Em 30 de Novembro sairá o primeiro caderno de elucidação cinematográfica. Tenha paciência, serão só mais uns dias de espera. Obrigado pelas felicitações.

APARTADO N.º 13

M. LLE INSENSÍVEL — Acede a corresponder-se com «Príncipe Negro», esperando receber em breve a primeira carta.

PRÍNCIPE NEGRO — Tem aqui uma carta que lhe será remetida logo que nos envie a sua direcção.

PRÍNCIPE DE PIKFAIR — A sua carta para M.lle Insensível já foi enviada a essa leitora.

JOÃO DE SOUSA — Comunica aos interessados que gostaria de trocar fotografias de artistas por revistas de cinema estrangeiras e não muito antigas.

A M O K .

Foto Luiz Nunes

«Gado Bravo»
filme português do
BLOCO H. DA COSTA



Sigfried Arno, o cómico de «Gado Bravo», estuda corografia, como qualquer menino aplicado.

Foto Luiz Nunes

RÁDIO

O Posto Experimental
C. S. 1. — C. F.
CASA FORTE

No número 7 de «Movimento» fazíamos a seguinte pergunta: Que se fez até agora para que as emissoras do Pôrto tivessem o seu horário ao abrigo de uma lei, em vez de trabalharem à vontade, à hora apeteçada por cada um e sem respeito pelos ouvintes não possuidores de aparelhos absolutamente modernos, capazes de evitar as interferências das estações locais?

Hoje é com a maior satisfação que comunicamos à Ex.^{ma} família radiófila do Norte de Portugal que os desejos do Posto emissor da Casa Forte vão ter uma finalidade. A Direcção dos serviços Rádio Electricos acaba de enviar uma circular a todos os Postos Emissores da cidade do Pôrto com as condições técnicas e de exploração a que de futuro terão que se submeter as emissões locais.

Todos os Postos Emissores Locais terão de ser transformados de forma a obedecerem aos circuitos indicados pela Direcção dos Serviços Rádio Electricos, e passam a trabalhar sob uma regulamentação a qual obriga a cumprir estritamente os horários, e só permite o funcionamento de um Posto Emissor.

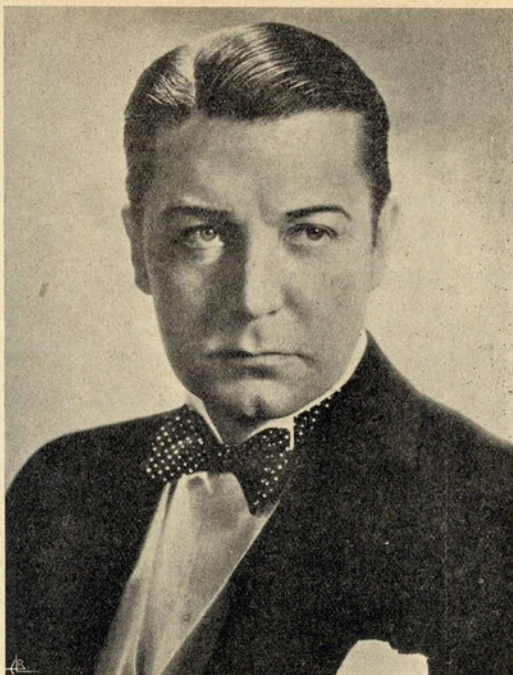
De futuro acabará pois o sistema de cada um fazer a emissão à hora apeteçada, para dar lugar a um horário que regulamentará a rádiodifusão na cidade do Pôrto, o que muito alegra a Direcção do Posto Emissor da Casa Forte, que sempre tem trabalhado no sentido de conseguir um regulamento imparcial e justo ao qual todos os Postos Emissores tivessem que obedecer no interesse deles próprios e do Ex.^{mo} Público radiófilo.

Como é do conhecimento de todos os Ex.^{mos} radiófilos a Casa Forte é uma casa absolutamente especializada em recepção e emissão: acaba a Casa Forte de fazer a instalação sonora no cinema de Oliveira de Azemeis o qual será inaugurado muito brevemente. Qualquer informação sôbre instalações sonoras pode ser pedida para a secção de Rádio da Casa Forte, Rua Santa Catarina n.º 20, Pôrto.

A quarta grande remessa de receptores rádio-telefónicos «Crosley» será posta à venda dentro em breves dias, e, por êste motivo aconselhamos os leitores de «Movimento» interessados na aquisição de um receptor a que o não façam sem que primeiramente tenham ouvido um «CROSLEY». Temos informações de que um novo receptor, exclusivamente fabricado pela «The Crosley Rádio Corporation» para a Europa será apresentado, assim como de que os preços dos receptores «Crosley» para 1934, a apresentar, serão excessivamente baixos, apesar de nos Estados Unidos da América do Norte terem subido os preços de todos os productos em virtude dos salários mínimos e diminuição das horas de trabalho. Estamos crentes de que os nossos leitores, preferindo um «CROSLEY» comprarão melhor e mais barato.

CASA FORTE

RUA SÁ DA BANDEIRA, 281 — RUA SANTA CATARINA, 20
TELEFONE, 2425



Clive Brook é o protagonista de
CAVALGADA
um grande filme que Frank
Lloyd realizou, e o Trindade
apresentará.

Loretta Yong e Gene Raymond,
são os protagonistas de
REVOLTA DAS FERAS
outro filme enorme, exibido
pelo São-João Cine.



Dois grandes exclusivos da
Companhia Cinematográfica de Portugal

Secção FOX



— Não há nada como a nossa casa, quando é alegre, clara, e arranjada a nosso gosto.

**Experimente V. Ex.^o mandando
pintar as salas de sua casa com**

MURALINE
TINTA A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.^A, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

SÃO JOÃO
 MATINÉE
 DE 16 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 50 %
 2 ENTRADAS

SÃO JOÃO
 MATINÉE
 DE 23 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 50 %
 2 ENTRADAS

SÃO JOÃO
 MATINÉE
 DE 30 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 50 %
 2 ENTRADAS

CINE-OVAR
 MATINÉE
 DE 19 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 50 %
 1 ENTRADA

CINE-OVAR
 MATINÉE
 DE 26 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 50 %
 1 ENTRADA

Aveiro

Tomar

TEATRO AVEIRENSE
 MATINÉE
 DE 19 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 30 %
 1 ENTRADA

TEATRO AVEIRENSE
 MATINÉE
 DE 26 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 30 %
 1 ENTRADA

TEATRO DE TOMAR
 16 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 25 %
 1 ENTRADA

TEATRO DE TOMAR
 23 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 25 %
 1 ENTRADA

TEATRO DE TOMAR
 30 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 25 %
 1 ENTRADA

Coimbra

TEATRO AVENIDA
 MATINÉE
 DE 19 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 30 %
 1 ENTRADA

TEATRO AVENIDA
 MATINÉE
 DE 26 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 30 %
 1 ENTRADA

TIVOLI
 MATINÉE
 DE 19 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 30 %
 1 ENTRADA

TIVOLI
 MATINÉE
 DE 26 DE NOVEMBRO
 -- DE 1933 --
 30 %
 1 ENTRADA

Lisboa

ODEON
 QUALQUER MATINÉE
 50 %
 1 ENTRADA

10
Movimento

TEATRO AFONSO SANCHES
 QUALQUER MATINÉE
 LUGARES DE PLATEIA
 50 %
 1 ENTRADA

Vila do Conde

movimento

número 10

quinzenário cinematográfico

15 de Novembro

1 9 3 3

capa, comp. e imp. da
tip. costa carregal
tr. passos manóel, 27
p o r t o

propriedade de
armando e armando

assinaturas:
6 números — 9\$00
12 números — 18\$00
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto

êste número foi visado pela comissão de censura

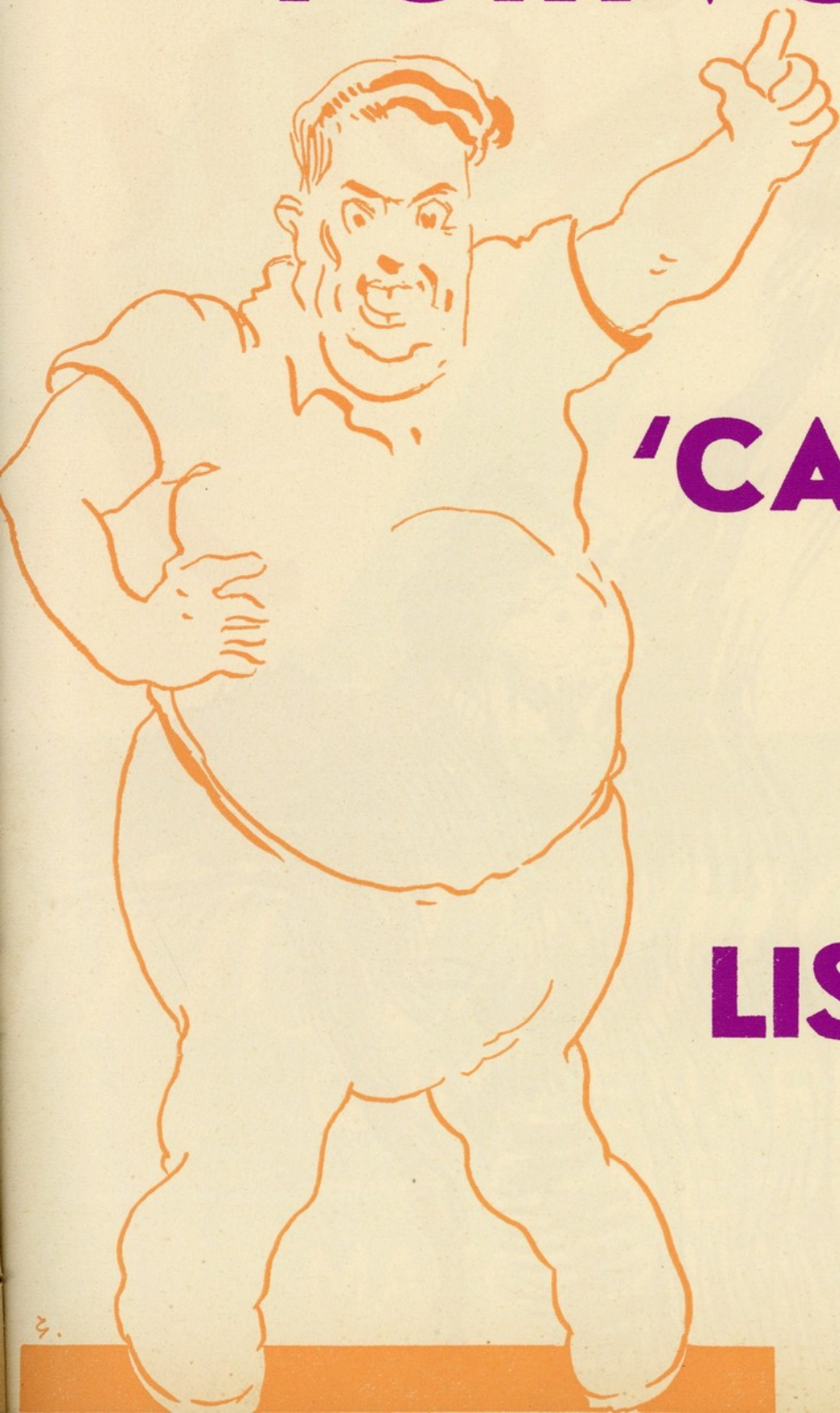
A TOBIS — PORTUGUESA

apresenta

'CANÇÃO

DE

LISBOA'



King Kong



SÃO
JOÃO
CINE